

Tortura na madrugada

Pancadas com taco de beisebol, choques e sufocamentos fazem parte da rotina de moradores de rua de Goiânia. Freiras que denunciam agressões cometidas por PMs convivem com ameaças

» RENATO ALVES

Nada de fome, frio, roubos. Juninho é o que mais apavora os moradores de rua da capital goiana. Com ele, um tenente da Polícia Militar acorda e tortura quem passa as noites sob pontes, viadutos e marquises de Goiânia. Foi o próprio oficial quem deu ao seu taco de beisebol o apelido de Juninho. E faz piada disso entre suas vítimas e os colegas de quartel.

Essa e outras histórias de barbárie protagonizadas por agentes do Estado são testemunhadas e denunciadas há duas décadas por um grupo de freiras que acompanha a rotina de crianças e adolescentes moradores de rua de Goiânia. A atuação delas lhes rendeu inúmeras ameaças de morte, principalmente após a Operação Sexto Mandamento.

Na mira dos PMs está uma freira de 53 anos. Desde 1996, ela visita e dá assistência aos moradores de rua da capital goiana. Já denunciou muitos militares por abusos e agressões. “Os meninos e as meninas apanham diariamente. Os PMs culpam os adolescentes por tudo de ruim que acontece no centro da cidade e fazem de tudo para expulsá-los”, conta a religiosa.

Além das agressões com golpes de taco de beisebol, meninos e meninas que dormem ao relento dizem ser torturados com aparelhos de choque e gás lacrimogêneo. “Os policiais os acordam com golpes de taco de beisebol, pontapés e socos. Escolhem um ou dois e os colocam na traseira do camburão. Aí jogam gás lacrimogêneo para sufocá-los”, diz a freira, que já fez esse relato ao comando da PM goiana.

Após a queixa, ela foi abordada numa madrugada, em frente à Catedral de Goiânia, por um tenente. “Eu estava com os meninos e as meninas. Ele veio em minha direção e colocou a arma na minha cabeça. Disse que eu teria o troco”, lembra. A religiosa não se intimidou, nem as ameaças cessaram.

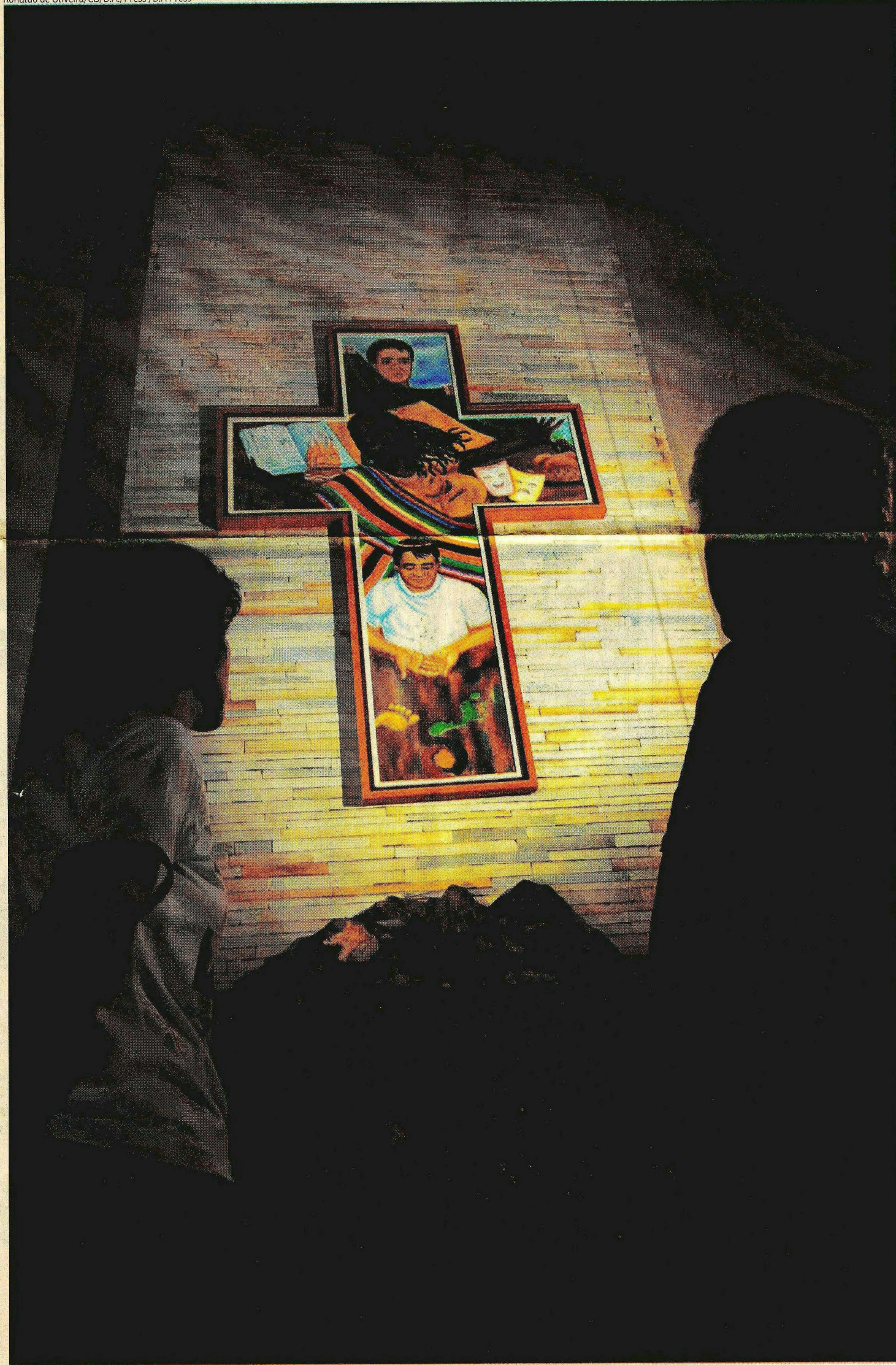
Desde a Sexto Mandamento, a freira passou a receber recados dos policiais militares por meio dos moradores de rua. “Uma noite, um dos meninos, preocupado, veio e me contou: ‘Tia, eles falaram que vão cortar a cabeça da senhora. A senhora não pode vir aqui mais’”, conta. Desde então, ela e as demais religiosas que fazem o trabalho na rua não saem sozinhas à noite.

Outras duas freiras, integrantes da Pastoral Carcerária, vivem situação parecida há três anos. As ameaças tiveram início após denunciarem maus-tratos sofridos por detentos na penitenciária de Aparecida de Goiânia.

Delegada vira refém

Alguns dos crimes que mais chamam a atenção da Polícia Federal e do Ministério Público de Goiás (MPGO) nas investigações sobre um grupo de extermínio em Goiás ocorreram na região do Rio Araguaia, principalmente nas cidades de Aragarças (GO) e Barra do Garças (MT). O bando formado por sete policiais militares foi denunciado pela morte de 16 pessoas e mais sete tentativas de homicídios de 2006 a 2008. Até agora, a Justiça condenou apenas dois dos sete PMs levados a julgamento. A investigação desse caso, até então o maior da

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A./Press /D.A Press



Freiras que expuseram os maus-tratos sofridos por detentos na penitenciária de Aparecida de Goiânia têm sido ameaçadas por policiais militares

Execução

Naquela ocasião, foi executado o ex-integrante da PM goiana Jander Figueiredo Mota, 31 anos, morto com quatro tiros, além de dois inocentes que estavam com dele — o dono de autoescola Marcelo Pereira da Silva, 34, e o proprietário de um lava-a-jato Degmon Felizardo de Souza, 31. Marcelo e Degmon negociavam um carro com Jander quando quatro homens armados chegaram em Fiat Palio e abriram fogo. Foram encontrados projéteis de pistola 9mm, .357 e calibre .38.

Leia amanhã

Conheça a rota da violência dos PMs nas cidades de Goiás.

história de Goiás envolvendo militares em mortes violentas no estado, mudou a vida da delegada Azuen Magda Albarello. Em fevereiro de 2008, graças à apuração comandada por ela, sete PMs foram colocados na cadeia, sendo dois deles oficiais. Mas, depois disso, a delegada teve a casa metralhada e o carro foi riscado com a letra M (de morte).

Mesmo com o grupo trancafiado no Presídio Federal de Campo Grande (MS), ameaças de morte chegaram à promotora, ao juiz e a uma perita criminal de Aragarças. O fórum da cidade sofreu um incêndio criminoso em março de 2010.

Aos 34 anos, Azuen Albarello continua morando e trabalhando em Aragarças, onde agora é a delegada titular. Sua casa é vigiada por câmeras e alarmes, pagos com dinheiro do próprio bolso a uma empresa de segurança privada. Mesmo solteira, ela passa os fins de semana em casa, assistindo a filmes na companhia do único filho, Gabriel, que chegou a ser vítima de uma tentativa de sequestro. Homens dizendo ser policiais civis foram ao colégio dele e afirmaram ter ordem para escoltá-lo. Mas uma funcionária ligou para a mãe do garoto, que desmentiu tudo.

PM mata PM

Do outro lado da divisa, um delegado também virou refém do medo. Em janeiro deste ano, durante as investigações que desencadeariam a Operação Sexto Mandamento, a PF ouviu o delegado Adilson Gonçalves, titular de Barra do Garças, que vive sob ameaça. Ele desvendou um triplo homicídio ocorrido em Torixoréu (MT), onde uma das vítimas era ex-militar.

Gonçalves prendeu o terceiro-sargento da Polícia Militar de Goiás Geson Marques Ferreira, 37 anos, por suspeita de participação direta no crime. As balas foram disparadas de uma pistola de propriedade do PM. O terceiro-sargento goiano é suspeito de envolvimento em outros cinco homicídios em Goiás, inclusive do policial rodoviário federal Sany Pereira de Carvalho, ocorrido em 6 de janeiro de 2010.

Após as ameaças em Aragarças e em outras cidades do estado, no Ministério Público de Goiás, ações contra policiais militares passaram a ser assinadas em conjunto para evitar a personificação do denunciante e mais ameaças. Ameaças que se estendem à imprensa goiana e à brasileira.

A sede do jornal *O Popular* amanheceu cercada de carros da Rotam na manhã de 3 de março último, dia em que o jornal goianiense publicou denúncias contra os policiais presos pela Polícia Federal na Operação Sexto Mandamento.

Desde então, por meio da internet, PMs lideraram campanha contra jornais e jornalistas. Carros de militares e familiares exibem adesivo com a frase “Eu confio na PM goiana”. Panfletos anônimos espalhados em Goiânia traziam a mensagem “MPGO, o inimigo agora é a imprensa”, numa clara referência ao filme *Tropa de elite 2*, que traz a mensagem “O inimigo agora é outro”.

No caso mais sério, durante a investigação da Sexto Mandamento, a PF e o MPGO flagraram uma conversa de integrantes do grupo de extermínio tramando a morte de um jornalista de Brasília.